



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

JUVENTUDES E MASCULINIDADES NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Miriam Gomes Alves¹

Orientador: Rodrigo Ednilson de Jesus²

Resumo

O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa de mestrado ainda em andamento, onde busco compreender as masculinidades de jovens negros e periféricos no contexto escolar, entendendo a escola enquanto espaço de socialização. A pesquisa busca dialogar com pesquisadores e intelectuais negros que abordam raça, gênero, classe social e suas intersecções para compreender os impactos sobre a construção das masculinidades negras. Como se constitui as masculinidades subalternas em oposição às masculinidades hegemônicas ou em relação com o sexo feminino, se constituindo enquanto base da dominação masculina e, portanto, da violência simbólica sobre os corpos destes sujeitos e sua trajetória escolar. Para isso, utiliza-se como referencial teórico, autores que vão abordar a relação entre o gênero, raça e sua intersecção, buscando evidenciar fatores que levam a desigualdades e maior exclusão do sexo/gênero masculino no sistema de ensino. A metodologia que vem sendo utilizada é a Etnografia Escolar, a partir da imersão em uma das escolas da região metropolitana de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Seu desenvolvimento parte da observação participante nas turmas de EJA, com poucos resultados preliminares.

Palavras-chave: juventudes, masculinidades negras, trajetória escolar

Introdução

Este artigo, parte de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, tem por objetivo

¹ Graduada em Pedagogia e Mestranda em Educação Conhecimento e Inclusão Social no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: pedagogamiriamalves@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor pesquisador. E-mail: rodrigoednilson@fae.ufmg.br

analisar as relações possíveis entre as formas de socialização de jovens negros no ambiente escolar e a importância intersubjetiva desta socialização no processo de construção das masculinidades negras. Neste artigo e na pesquisa de modo mais amplo, entendo a escola enquanto lugar privilegiado de sociabilização, de criação de grupos de pares, mas também estabelecimento de hierarquias raciais, de gênero e classe; sem desconsiderar, é claro, outras instituições e outros grupos que interferem ou podem ter impacto na construção de uma autoimagem de Si. É importante também alertar para o fato de que a escola não está isolada da sociedade e, como tal, está sujeita a reprodução de suas desigualdades, por meio, e através, do racismo e do sexismo. Esta interpenetração entre escola e sociedade pode implicar na produção e reprodução, de estigmas e estereótipos sobre o corpo negro e a corporeidade negra que ao serem introjetados pelos jovens, pode gerar baixa auto-estima e, de modo indireto interferir no desempenho escolar desses sujeitos.

Além disso, um olhar para este campo emergente, masculinidades de jovens negros, nos incita a analisar melhor a relação entre os desempenhos e os processos e critérios de avaliações, que muitas vezes seguem critérios racistas, elaborados, ou apenas implementados, por um corpo docente majoritariamente branco. No referencial teórico desta pesquisa, faço uso de diferentes pensadores (as) e abordagens que adotam o conceito de raça e gênero; gênero e raça ou sua intersecção, entre eles (as): COLLINS 1998; FANON 1983; FAUSTINO (2014, 2017); hooks (1992, 2000, 2004), PINHO (2004, 2013) RIBEIRO (2015, 2016) SOUSA 1983), com intuito de obter uma melhor compreensão acerca das masculinidades, em especial das masculinidades negras, considerando que esses sujeitos são atravessados por marcadores que produzem subjetividades e identidades que, em geral, são subordinadas dentro de uma relação de poder assimétrica.

O interesse por essa temática, ainda pouco visível, surgiu de meu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, intitulado: *Gênero e Raça na EJA: Diálogos intersetoriais nas políticas públicas mineiras em educação*³; na época orientada pela professora Dra. Analise

³ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial à obtenção da titulação de Graduação em Pedagogia.

Jesus da Silva. No âmbito deste trabalho realizei uma série de entrevistas semi-estruturadas com gestoras da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Como resultado desta pesquisa observei que o uso do conceito Gênero estava sempre associado a políticas públicas voltadas exclusivamente para mulheres, sendo que, em se tratando de desigualdades escolares, vários estudos, dentre eles: CARVALHO (2003, 2004, 2005, 2007), PATTO (1999), tem mostrado uma maior desvantagem dos meninos, em relação às meninas, no sistema público de ensino. Em se tratando das desigualdades raciais, um jovem branco de 25 anos, tem em média, mais de 2,3 anos de estudo que um jovem negro da mesma idade. (LEAL *apud* HENRIQUES, R., 2013, p. 77).

Os dados apresentados no Relatório do 2º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação (2018), ao apresentar vantagens para as meninas desde o ensino fundamental, vem a consolidar nossa preocupação com a universalização da educação básica e o acirramento das desigualdades escolares intra-gênero. Os dados apresentados sinalizam que apenas 76% dos estudantes matriculados entre 6 a 14 anos concluíram o ensino fundamental na idade recomendada (Pnad/IBGE 2014-2015). Ao se referir as diferenças sexuais, os dados mostram que 81,3% das meninas concluíram este ciclo na idade recomendada e apenas 70.8% dos meninos o fizeram (Pnad/IBGE 2012-2017). Evidenciar tais desigualdades pode representar os primeiros passos rumo a adoção de estratégias e mecanismos de superação.

Percursos Metodológicos

Com base nos dados apresentados, e reconhecendo a EJA (Educação de Jovens e Adultos), como uma política de ação afirmativa, principalmente por seu corpo discente, majoritariamente negros e periféricos, com trajetórias escolares marcadas pela exclusão, escolho a EJA, espaço de realização da pesquisa. Neste sentido, os sujeitos desta pesquisa serão, jovens negros, de 15 a 17 anos, que apresentam distorção idade-série, ou seja, ainda não concluíram o ensino fundamental. A metodologia escolhida para esta pesquisa foi a etnografia escolar, por entendê-la como uma importante ferramenta de fenômenos sociais construídos por meio de interações. Considerando que a construção da subjetividade masculina é um processo relacional, já que as masculinidades se constroem por meio do contato com outros sujeitos que compartilham, ou não, da mesma prática.

A observação, já em desenvolvimento, vem sendo realizadas em duas turmas de EJA, em uma escola da região metropolitana de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. A escolha pela escola obedeceu critérios, sendo que os dois primeiros era esta situada em uma das regionais com maior número de auto-declarados negros na população e ter, entre suas turmas, uma turma de segundo segmento⁴. Com base nos dados disponibilizados na página oficial da Secretária Municipal de Educação⁵, a Regional Barreiro, tem a maior proporção de estudantes auto-declarados negros, que representa 21.780 em números absoluto, seguida da Regional Venda Nova, com 20.973 estudantes auto-declarados negros (pardos ou pretos, o que corresponde a XX estudantes). O terceiro critério, foi o horário de funcionamento das aulas. Por razão de deslocamento pela cidade, o turno escolhido foi da tarde. As turmas escolhidas tem o total de 42 estudantes, sendo a maioria 22 do sexo masculino. Todavia, podemos pensar que se trata de uma turma heterogênea, com 12 jovens do sexo feminino, 8 mulheres adultas.

Nossa expectativa é que, ao longo da pesquisa, realizemos oficinas pedagógicas com os sujeitos desta pesquisa, trabalhando questões relacionadas a gênero, raça e trajetória escolar, e buscando obter, a partir de suas narrativas, a compreensão de quais seriam os impactos da escola e de seus diferentes atores na construção dessa subjetividade, no desenvolvimento de seu aprendizado, na relação de pertencimento com a escola e no dialogo inter-geracional.

1. Conceitualizando as Masculinidades

De acordo com Connel (2015, p. 36-37), organizamos nossas vidas cotidianas e nossos afazeres em torno das distinções de gênero, já que naturalizarmos os papéis sociais que são atribuídos a homens e mulheres em diferentes meios. Para ela, ninguém nasce feminino ou masculino, e ao parafrasear o conceito de Simone Beauvoir afirmar que nos tornamos, o que reforça a necessidade de discutirmos como o feminino é socialmente construído, mas nos abre a possibilidade de refletir sobre como o masculino também é construído. Para ela, a identidade masculina é relacional, ou seja, só se constrói na relação com o Outro ou em oposição ao feminino, mesmo que em alguns sujeitos fujam às representações de uma masculinidade hegemônica. Para Kimmel (1998, p.103): “O hegemônico e o subalterno emergem em mútua e

⁴ Na modalidade EJA, corresponde ao segundo segmento às últimas séries do Ensino Fundamental (5º ao 9º)

⁵ <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao>

desigual interação, em uma ordem social e econômica com uma demarcação prévia distorcida de gênero”, o que traz outras complicações quando se é um jovem negro, construindo uma masculinidade em meio às representações do universo masculino, mas também no interior de relações entre indivíduos do sexo oposto e do mesmo sexo, e relações ambíguas de raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc... (KIMMEL, 1998, p.105).

Já que as posições entre hegemônicos e subalternos, também fazem parte de uma economia global e simbólica sobre a construção de corpos periféricos, as relações de poder marcam também as relações de privilégios, sobretudo quando analisamos a “violência simbólica” ou a “dominação masculina”, analisadas pelo sociólogo Pierre Bourdier⁶. Assim, “a masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é freqüentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada.” A invisibilidade de um grupo se constitui enquanto um privilégio na medida em que, causa a extrema visibilidade do outro de modo a ressaltar estigmas e estereótipos negativos, como a masculinidade violenta ou tóxica, frequentemente atribuída ao homem negro e que pode interferir diretamente na sua construção identitária.

2. Corpo Negro: identidades e subordinações

Uma das principais referências de minha pesquisa é a professora e intelectual negra estadunidense bell hooks, em um dos seus trabalhos “Vivendo de amor”⁷ ela nos fala sobre a importância do amor como ato de cura, diante das cicatrizes deixadas por um sistema escravocrata, que embruteceu as relações familiares entre as comunidades negras. hooks é apenas o pseudônimo de Gloria Watkins, que ela utiliza no diminutivo e representa sua voz de escritora, que nos propõe um deslocamento dos sujeitos com base em uma pedagogia crítica, emancipatória e descolonizadora.

Para Beatriz Nascimento, o corpo negro é memória transmigração, ou seja, “o corpo negro se constitui e se redefine na experiência diáspórica e na transmigração.” (RATTS, 2006, p. 65). Ainda segundo ela, é esse deslocamento entre corpo e território é o que torna a experiência do negro, uma experiência individual, mas também compartilhada em suas comunidades, que

⁶ O filósofo Pierre Bourdier em seu livro “A dominação Masculina”, nos fornece elementos teóricos sobre a incorporação da violência simbólica exercida por homens em uma sociedade cuja estrutura dominante gera desigualdades.

⁷ hooks, bell. *Vivendo de amor*. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/>

ultrapassa não apenas barreiras físicas, mas temporais, não se constituindo enquanto uma trajetória linear. Por ser memória, entre fragmentos de dor e de alegria, vários dos jovens negros acabam por vivenciar em seus lares e nas escolas, inúmeras situações de violência e vulnerabilidade, das quais tem que engolir em um silêncio sepulcral, pois não lhes é permitido falar de suas emoções. Romper com esse bloqueio emocional é visto, em geral, como sinônimo de fraqueza, e ser fraco não é uma qualidade associada ao universo masculino cujas representações de uma masculinidade hegemônica exigem que sejam sobre-humanos. Tais exigências reiteram hierarquias e legitimam a violência epistêmica que não se dá apenas sob o outro, mas com o Outro (ALMEIDA apud SPIVAK, 2017).

Dados recentemente, divulgados pelo Ministério da Saúde⁸, revelam que o número de óbitos por suicídio entre jovens negros na faixa etária de 10 a 19 anos é 67% maior, que entre jovens brancos do mesmo sexo. O relatório também indica que, na faixa-etária de 10 a 29 anos, homens negros são 45% mais expostos ao suicídio, sendo que a discriminação racial e o racismo estrutural se apresentam como fatores determinantes para explicar o fenômeno (2018). Isso mostra não apenas o quanto à população negra vem adoecendo, bem como a urgência do debates sobre os efeitos psicossociais do racismo. Para o psicanalista martiniquenho Frantz Fanon, o negro encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal no mundo dos brancos, pois seu desejo é ser branco, ao repudiar a cor, repudia o corpo. A violência racial encontra-se na própria negação de si, na adoção de estereótipos e comportamentos de autoflagelo, seja pela negação da textura do seu cabelo e traços físicos, seja pela destruição daquilo que lhe causa dor; seu corpo.

Neuza Santos Souza, em seu livro *Tornar-se Negro*, analisa a perversidade do racismo e seus impactos na construção da identidade negra; ou melhor de sua despersonalização. Este livro publicado em XX, buscava suprir a ausência de estudos sobre a vida emocional dos negros. Produzido no campo da teoria psicanalítica, a autora traz “reflexões profundas e inquietantes sobre o custo emocional da sujeição, da negação da própria cultura e do próprio corpo. O negro

⁸ Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016 / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília : Ministério da Saúde, 2018. ISBN 978-85-2672-6

que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre de sua identidade, tomando o branco como modelo de identificação”⁹

Esses dois autores, Franz Fanon e Neuza Santos, vão trazer conceitos fundamentais para compreendermos o impacto do racismo na construção da subjetividade negra, já que para falar sobre o homem negro é necessário falar também sobre o racismo. E para falar sobre o racismo no Brasil é preciso falar sobre o mito da democracia racial; sobre a escravidão e sobre a não reparação, e consequente, marginalização da população negra. O mito da democracia racial¹⁰ teve um papel significativo no apagamento das identidades étnicas e na anulação/negação do corpo pelo próprio sujeito.

E este corpo, transformado em linguagem, adota um “modelo de identificação normativo-estruturante com o qual ele se defronta é o de um fetiche: o fetiche do branco, da brancura” (SOUSA, 1983, p. 04). Portanto, em locais onde a representação do negro é negada. Tornar-se homem, embora não seja um processo simples ou fácil, é muitas vezes, tornar-se branco. Embranquecer é a única possibilidade de ser visto, de ter ascensão, de obter um passaporte direto para o mundo dos privilégios, ou seja, o mundo branco. Pois só me reconheço por meio e através do olhar do outro. Em contrapartida:

Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa”, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como ‘self’, como ‘eu’ e o resto – a parte “má”, rejeitada e malévol – é projetada sobre o ‘Outro’ é retratada como algo externo. O ‘Outro’ torna-se então a representação mental do que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: o ladrão/ a ladra violento(a), o(a) bandido(a) indolente e malicioso(a). (KILOMBA, 2016)

Por muito tempo, as representações sobre o negro no imaginário social transitavam entre, a figura de indolentes, propensos às mais terríveis barbaridades, e entre o cativo da escravidão, acorrentado, torturado e submisso. Quando a experiência vivida pelos negros são sempre

⁹<https://ruru.facebook.com/MaterialAfroindigena/photos/a.756892607747976/756892624414641/?type=3&__tn=HH-R&eid=ARbmhcK6zvgC91Sq33g6bGtvD0xapmn5qMOCj7nf4qvLNUEaGJ9mUfQteFBrqY07Dbp6QRu2u5BsZQ>

¹⁰ O mito da democracia racial baseia no apagamento da identidade étnica e racial com base no sincretismo biológico e cultural, afirmando que o Brasil era um país sem racismo ou discriminação racial, por seus cidadãos possuírem a mesma herança ou carga genética. <<https://www.geledes.org.br/democracia-racial-mito-ou-realidade/>>

marcadas pelo destino desumanizador imposto a seus antepassados, está memória torna-se motivo de constrangimento e dor, sobretudo porque essas marcas lhe impõem uma posição de subalternidade. Logo a aspiração é não ser, não ter sido. Pois, “de um homem exige-se uma conduta de homem; de mim uma conduta de homem negro - ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo”. (FANON, 1983 p. 107). Por ter corpo marcado por estereótipos e estigmas e “muitas vezes sem força necessária (ou mesmo pretensão) para desarticular todo o esquema”, o homem negro passa a incorporá-lo. Assim “o homem negro deve ser macho ao quadrado em todas as situações exigidas, é só a partir destes atributos será reconhecido” (FAUSTINO, 2014, p. 91), pois, tende-se a esperar que o negro seja sempre dotado de habilidades corporais diversas como dança, futebol, força física e outras atividades relacionadas à virilidade típica dos criados super-masculinos, ou das masculinidades subalternas. Já “o branco é seu contraposto, o branco não é corpo, é mente” (FAUSTINO, 2014, p.79).

A produção pelo discurso hegemônico de representações negativas sobre a masculinidade negra tem como aparato fundamental a fixação e repetição incessante do estereótipo que desde o período escravocrata cria e recria o homem negro como: libidinoso, grotesco, hiperótico, violento, degenerado, rebaixando e inferiorizando o negro. (SOUZA, 2017)

Ao aplicarmos estas reflexões à juventude negra e periférica, percebemos com a interseccionalidade de conceitos de raça, gênero e classe são estratégicos para compreensão das performances destes jovens. Importante observar que os próprios meios culturais, em que boa parte desses jovens são criados, e onde constroem suas identidades, hipervalorizam as imagens que associam esses sujeitos ao corpo hiperviril que tem por objetivo último conquistar a mocinha de teza clara e cabelo esvoaçante, como é mostrado nos cliques do canal Kondzilla FILMES¹¹. Embora subalternizado em razão do pertencimento racial, a dominação masculina aqui se exerce por meio da hiper-virilidade e ela só funciona em contraposição a submissão e objetificação dos corpos hiper-feminilizados.

Possuir (tomar posse) a mocinha de tez alva e corpo padrão, repetidamente exibida nos videoclipes, não é apenas uma forma de provar ser masculino, mas também uma forma de se aproximar do branco (proprietário por definição). Assim, o auto-ódio, aliado a hiper-virilidade,

¹¹ Mais em: <https://www.youtube.com/user/CanalKondZilla>

torna-se elemento destrutivo, não apenas para o modo como elabora sua subjetividade, mas como se relaciona com Outros. Destrutivo também se tornam os riscos que assume nos, e a partir desses relacionamentos, brigar para defender sua honra – abalada por uma cantada dirigida à sua “mulher”, transar sem camisinha, dirigir embriagado ou portar armas. “O negro que não conseguir exibir algum dos atributos desta hiper-virilidade super-masculina estará traindo/frustrando sua raça e sua masculinidade.

3- Escolarizando Jovens Negros: entre sileciamentos e invisibilidade.

No contexto escolar, especialmente na EJA, que nos últimos anos vem experimentando um processo de rejuvenilização, é comum ouvirmos que os jovens negros são “meninos-problema”. Em algumas situações é possível ouvir inclusive, que eles são delinquentes ou degenerados. No artigo “*Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos sobre masculinidades negras da Diáspora*”, Alan Ribeiro e Deivison Faustino, refletem sobre o que é, para Du Bois, a experiência de ser um problema:

o verdadeiro problema, para Du Bois, não é apenas a questionável premissa que representa os negros como problema – já que para ele o negro não é um problema em si, mas sim, aos olhos do branco – mas o conjunto de relações de poder e subjetivação que aprisionam também o olhar do negro sobre si.

No Brasil, com o processo de redemocratização do país e a ampliação das matrículas do ensino fundamental na década de 80 e 90, a juventude negra e periférica passou a protagonizar cada vez mais o espaço escolar. Com o tempo, os desafios para a universalização da Educação Básica também se ampliaram. Começa então, entre as escolas, um jogo de empurra-empurra em relação os chamados “problemas”. Aos poucos, esses estudantes de 15 a 17 anos, que não concluíram o ensino fundamental, o que reforça ainda mais a sua nomeação como problemas, acabam sendo “convidados” a se incluir na Educação de Jovens e Adultos, composta majoritariamente, por homens e jovens negros. Considerando que a história da relação entre escolas e população negra, no Brasil, nunca foi simples, a rejuvenilização e enegrecimento das escolas traz um elemento dramático adicional. A dificuldade, mesmo na EJA, em lidar com os jovens negros, seu universo cultural, seu processo de construção identitária, acaba por gerar inúmeros conflitos geracionais, tanto entre professores e estudantes, quanto entre estudantes e

estudantes, o que muitas vezes gera uma sensação de não-pertencimento ou não-lugar desses estudantes no ambiente escolar.

Da perspectiva racial, a oposição, ora aberta, ora dissimulada, entre os estereótipos raciais, que colocam branco no lugar do intelecto e o negro no lugar do corpo, traz conseqüências significativas para a presença do jovem negro na escola. De acordo com Rodrigo Ednilson: “no Brasil, os traços fenotípicos (a pigmentação da pele, o tipo de cabelo, o formato dos lábios, sobretudo) são utilizados como importantes elementos de avaliação social dos indivíduos e, geralmente, se transformam na principal fonte de preconceito.” (JESUS, 2018), principalmente quando o que é bom, belo e inteligente correspondem a traços e características físicas do branco. Este processo de exclusão, mais incidente naqueles corpos mais fortemente marcados pela melanina, se torna ainda mais eficiente na medida em que os sujeitos excluídos introjetam o estigma do “fracasso”. Ou seja, a escolarização do negro, vem de um processo histórico de tensões raciais, onde “jovens negros, desproporcionalmente numerosos entre os pobres, vêm sendo socializados para acreditar que a força da resistência física são tudo o que realmente importa”. (hooks, 2015, p. 679).

Poucos jovens, negros e periféricos, ainda hoje conseguem elaborar um projeto de vida e futuro que fuja das possibilidades de ser jogador de futebol, policial, traficante, MC de funk ou desempenhar o mesmo serviço que seus pais; no caso de ser este uma figura presente e que sirva de espelho. Ainda de acordo com hooks, homens negros das classes populares foram ensinados a pensar que o trabalho intelectual é menos valoroso, o que limita muito suas possibilidades de escolha e ascensão social, piora, quando a heteroidentificação racial e de gênero feita por professores e demais membros da comunidade escolar, influenciam nas avaliações e análises de desempenho. A pesquisadora Marília Pinto de Carvalho (2007) nos ressalta que a falta de critérios claros nas avaliações podem potencializar a reprodução de desigualdades, sendo que os critérios que avaliam sucesso e fracasso escolar são objetos de disputa entre diferentes atores, que possuem relações de poder desigual.

Conclusão

Por que tantos meninos vão mal na escola? Ou melhor porque tantos meninos negros vão mal na escola? Essas foram as perguntas que nos mobilizaram a chegar até aqui. Enquanto uma

mulher negra, graduada em pedagogia, cuja a trajetória escolar foi marcada por inúmeras violências simbólicas, mas também pela resiliência, de saber de onde venho e qual o caminho devo seguir. É, a partir desse lugar que reivindico noções que rompam paradigmas educacionais que produzem e reproduzem desigualdades. Portanto, termino este artigo, com plena ciência de que esta não é uma conclusão do meu trabalho, mas sim um começo, pois nossa trajetória diáspórica não é uma trajetória linear. Jovens negros e periféricos vem sendo alvos constante de uma política de violência, mas não viemos aqui endossar este lugar de subalternidade. Pois, sabemos que nossos jovens são afetuosos, inteligentes e tem inúmeras potencialidades, que perpassam a arte, a música, a dança, a produção cultural, mas também a ciência, a tecnologia, a comunicação, nas diferentes formas de ser, estar e se relacionar com o mundo. Construir uma identidade positiva sobre o jovem negro é abrir caminhos e possibilidades de transformação de vida e de saberes (colonizados) sobre seu corpo.

Os apontamentos desta pesquisa, embora ainda muito preliminares, nos mostra que a escola é também esse lugar de construção de identidades e subversões de toda ordem, sendo urgente e necessário trazer a tona a discussão sobre como as masculinidades são produzidas nesse universo, bem como as feminilidades e como muitas vezes se constroem em oposição. Podemos observar neste curto período que “jogos de ofensa” sedimentam as relações grupais, bem como as “brincadeiras” que envolvem contato físico, como lutinha. Enquanto algo relacional, as masculinidades são forjadas de modo a compreender que precisão de constante aprovação ou dominação de uns sobre os outros, elas também interagem na cumplicidade, diante a situações que envolvam conflitos, em sua maioria geracionais, ora entre professora-estudantes, ora entre estudantes-estudantes. Compreender e dialogar com essas identidades é um caminho para romper com os paradgmas de uma educação formal, que não considera o corpo em sua didática. Para além disso, pode ser um caminho para desenvolver nos espaços de aprendizagem o respeito as diferenças, potencializar os afetos e ter a escola como uma lugar de pertencimento.

Referências

ALMEIDA, Ludmila Pereira de. Corpos diaspóricos e masculinidades negras: Uma leitura de todo mundo odeia o Cris a partir da decolonialidade. *Revista Latino americana de Estudios em Cultura y Sociedad/ Latin American Journal of Studies in Culture and Society*. V. 03, ed. especial, dez., 2017, artigo nº 631/ relacult.clac.org/ e-ISSN: 2525-7870.

ALVES, Miriam Gomes. “GÊNERO E RAÇA NA EJA: Diálogos intersetoriais nas políticas públicas estaduais mineiras em educação”. Orientadora: Silva, Analise de Jesus, UFMG, 2017. Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Relatório do 2º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2018. – Brasília, DF: Inep, 2018. 460 p. : il.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016 / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília : Ministério da Saúde, 2018. ISBN 978-85-2672-6

BOURDIER, Pierre. “A dominação Masculina – A condição feminina e a violência simbólica.” 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b.

CARVALHO, Marília. **Sucesso e Fracasso Escolar**: uma questão de gênero. Educação e Pesquisa, São Paulo, v, 29, n. 1, jan./jun. 2003.

_____. **Quem são os meninos que fracassam na escola?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 121, jan.-abr. 2004a.

_____. **O fracasso escolar de meninos e meninas**: articulações entre gênero e cor/raça. Cadernos Pagu, Campinas, v. 22, no 1, jan.-jun. 2004b.

_____. **Por que tantos meninos vão mal na escola?** Critérios de avaliação escolar segundo o sexo. 30ª Reunião Anual da Amped. 2007.

_____. **Quem é negro, quem é branco**: desempenho escolar e classificação racial de alunos. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 28, Jan /Fev /Mar /Abr, 2005.

COLLINS, Patricia. “Intersections of race, class, gender, and nation: some implications for black family studies”. Journal of Comparative Family Studies, v.29, n.1, p 27-34, 1998.

CONNEL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**/Raewyn Connel, Rebecca Pearse; tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. – São Paulo: nVersos, 2015.

CONNEL, Raewyn. “The men and The boys”. California: University of California Press, 2000.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista estudos feministas, v.21, n.1, p.424, jan./abr. 2013.

FANON, Frantz. **Peles Negras, Mascaras Brancas**. Rio de Janeiro. Ed. Fator, 1983.

FAUSTINO (Nkosi), D. **O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo**, in: feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher/organização Eva AltermanBlay. – 1.ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Pp. 75

hooks, bell. “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade/bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

_____. “Escolarizando homens negros”. Tradução: Berea College, Berea, Kentucky. Estudos Feministas, Florianópolis, 23 (3): 406, set-dez/2016. [HTTP://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p677](http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p677).

_____. “Black Looks: race and representation”. Boston: South End Press, 1992.

_____. “Feminist theory: from margin to center”, 2.ed. New York: South and Press, 2000.

_____. We real cool: “black man and masculinity”. New York: Routledge, 2004.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2014/> Acesso em: 20 de maio de 2019

LEAL, Maristela Pereira. *Porque existem mais negros na EJA: Um olhar a partir da cidade estrutural*. Brasília - DF, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/5075>.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 34, e167901, 2018.

KILOMBA, Grada. *A Máscara*. Traduzido por Jessica Oliveira de Jesus. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 16, p. 171-180. 2016. Acesso: 13/11/2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do Fracasso Escolar: História de Submissão e Rebeldia*/ Maria Helena Souza Patto. – São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.

RATTS, Alex. “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”. Imprensa Oficial, São Paulo, 2006.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? Democracia viva, nº 22, Espaço aberto, JUN/JUL 2004. P. 64-69.

PINHO, Osmundo. (2014). Um Enigma Masculino: Interrogando a Masculinidade da Desigualdade Racial no Brasil. *Universitas Humanística*, 77(77). Recuperado a partir de <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/5945>

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. *Homens Negros, Negros Homem*: para discutir masculinidades negras na escola. Ação Educativa, SP. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/Homens-negros-Negro-homem-para-discutir-masculinidades-negras-na-escola_AlanRibeiro.pdf

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Jogos de Ofensa: epítetos verbais entre estudantes de uma escola na Amazônia/ Alan Augusto Moraes Ribeiro, orientação Marília Pinto de Carvalho. São Paulo: s.n., 2016

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro Tema, negro vida, negro drama: Estudos sobre masculinidades negras na diáspora. Revista Transversos. “Dossiê: Áfricas e suas diásporas”. Rio de Janeiro, nº 10, PP. 163-182, Ano 04. Ago. 2017. Disponível em: <HTTP://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/trasnversos>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/trasnversos.2017.29392

SOUSA, Neusa Santos. *Torna-se Negro*: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/ Neusa Santos Sousa. – Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. Lá vem o Negão: discursos e estereótipos sexuais sobre os homens negros. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942- Porde o Subalterno falar?/Gayatri Chakravorty Spivak; tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa. – Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.